

No centenário de Jaime Cortesão

Aspectos literários da sua obra

O horror em ida e volta

por **Oscar Lopes**

*Tal como acontece com Herculano, mas um pouco menos pronunciadamente, em Jaime Cortesão o poeta e o ficcionista, incluindo o dramaturgo, manifestam-se na juventude, e o historiador acompanha e como que define a maturidade. De facto, os poemas *Missa da Meia-Noite*, publicados em 1940 sob o pseudónimo de António Fróis, e a *Parábola Franciscana*, saída em 1953, são, em verso, dois testemunhos de atitude moral e religiosa tardiamente desgarrados do conjunto de textos fundamentalmente líricos que edita entre 1910 e 1923, num contraste de tom que ressalta à mais sumária leitura das *Poesias Escolhidas* apresentadas em 1960 por David Mourão-Ferreira. As suas peças teatrais são de 1916 (*Infante de Sagres*), 1919 (*Egas Moniz*) e 1921 (*Adão e Eva*). E a única recolha de contos é ...*Daquém e Dalém Morte*, de 1913. O texto que assinala da viragem decididamente historiográfica de Cortesão é *A Expedição de Pedro Álvares Cabral* (1922), incluído na *História da Colonização Portuguesa do Brasil dirigida por Malheiro Dias*. No entanto, quer as poesias, quer as peças teatrais, quer (como veremos) os contos evidenciam uma preocupação com a história pátria que condiz com certo romantismo historicista ligado, depois da Conferência de Berlim de 1984/5, às campanhas de explo-*

ração e ocupação africanas, e também à Propaganda e institucionalização da República.

Valeria a pena estudar as linhas de desenvolvimento que conduzem de um certo e peculiar romantismo efusivo do Jaime Cortesão conspirador republicano, animador principal da «Renascença Portuguesa» e entusiasta pela participação na Guerra, ao Jaime Cortesão ainda, e sempre, de algum modo romântico-idealista, mas cada vez mais atento às realidades materiais-sociais da história, que emerge do inferno dessa mesma Guerra, da direcção da Biblioteca Nacional, da resistência antiditatorial e antifascista, e de uma emigração dramática mas fecunda em Espanha e, sobretudo, no Brasil. Algumas das peculiaridades desse especial novi-romantismo juvenil saltam aos olhos e reencontram-se em certos contemporâneos: é um naturalismo, adensado pela experiência médica de hospital e teatro anatómico, em colisão com um espiritualismo religioso, tão evidente quanto ortodoxo; e é também, entre outras coisas, um orgulho, algo nietzschiano, de Alma eleita, de esteta, de nobre poeta ou visionário, que só micro-estruturalmente se avizinha do decadentismo em moda, porque uma linha democrática de romantismo etnográfico o leva a exaltar o Povo, como destino histórico luminoso e livre, e como Raça ungida pela transcendência da Saudade. Nós apenas seguiremos aqui uma das linhas de continuidade: aquela que, no escritor, leva de uma obsessão, também tão romântica, a dos mistérios terríficos que rondam os transe da morte e seu possível Além — até uma descida, mas essa real, aos infernos da Guerra, a guerra pós-goyesca e pré-nuclear de 1914-18, a das trincheiras, dos morteiros e dos gases. Mas, antes disso, não podíamos deixar de registar um traço invariavelmente romântico na larga e produtiva carreira de Jaime Cortesão: o largo fôlego oratório da concepção expressiva ou narrativa, marcado pelo rasgo emotivo e pela voz vibrante do tribuno da Propaganda e das exaltadas causas cívicas.

Assim, o mais extenso dos seus contos, «De como eu fui armado cavaleiro», onde se evidenciam as mais profundas motivações do futuro historiador, é construído como uma larga alegoria oratória, uma evocação fantasmagórica da linhagem dos Silvas de entre Aljubarrota e Alcácer-Quibir que jazem na capela sepulcral do Convento de S. Marcos, perto de Coimbra. Seria fácil mostrar o enquadramento amplamente alegórico e empolgado, com múltiplos ingredientes, narrativos, descritivos ou expressivos, que está na base de grande parte do legado desta juvenília poética, teatral e novelística; mas creio que não seria mais difícil evidenciar que se produz, sempre, um efeito de larga alegorização suasória nos grandes textos de síntese histórica da maturidade. As largas panorâmicas históricas de Cortesão dizem-nos sempre algo além do que parecem dizer (e é mesmo este o sentido etimológico de alegorizar: dizer outra coisa). O painel medievo pequeno-burguês de Os Factores Democráticos na Formação de Portugal, e de outros textos que depois refundem esta síntese feita em 1930; a descrição dos pre-

parativos da Expedição de Pedro Álvares Cabral de 1922, bem como outros panoramas épicos dos mesteres e das armas por inícios do séc. XVI; o quadro geral do séc. XVII em Geografia e Economia da Restauração (1940), certidão de baptismo da moderna burguesia pré-liberal luso-brasileira; a narrativa heróica da bandeira de Raposo Tavares (1958), um hossana ao Brasil português; a síntese do séc. XVIII inicial, inserida em Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid (1950), apologia de um Portugal brasileiro e já protoliberal — todos estes textos têm consigo a evidência de uma voz animada e empenhadamente persuasiva, que ainda me lembro de ouvir ao vivo em conferências dos últimos anos de Jaime Cortesão. E é difícil conceber uma peça mais perfeita de exposição alegoricamente didáctica (e heróica) do que um extraordinário passo de Os Descobrimientos Portugueses (1960-62), em que se faz a história da caravela através de uma montagem da etimologia (grega, latina, italiana, normanda e árabe) das suas partes constituintes.

Um dos mais patentes intuitos em ...Daquém e Dalém Morte é o de perseguir indícios do mistério panteísta, ou pampsiquista, que obsidiava os Saudosistas. O conto mais genérica e alegoricamente expressivo disso é «O Psicoscópio», tão congenial em concepção (mas não em estilo) das novelas de Céu em Fogo de M. de Sá-Carneiro, sobretudo «A Estranha Morte do Prof. Antena», aliás escrita poucos meses depois de publicado o livro de Cortesão. O enredo gira em volta de um homem, internado como louco, que descobrira a maneira de desenvolver o seu suposto órgão cerebral de telepatia, e que assim acaba por captar todo o sofrimento, não apenas humano, como cósmico, satisfazendo uma «avidez por todos os sentimentos» que em vários momentos se aproxima da concepção (ou das várias concepções) do sensacionismo de Pessoa, e ganhando por este meio a consciência (tão insistente no Livro do Desassossego) de como, em geral, as «pessoas vivem num perpétuo estado de sonambulismo, longe das suas [próprias] aflições». Em vários outros contos, este «sensacionismo» do jovem Cortesão esmera-se em imaginar os transe do horror mais angustioso, da derrelicção, do abandono, da degradação e do sofrimento mais incomportáveis, com particular insistência em aparições ou coincidências do carácter mais tétrico, e na morte (ou iminência da morte) pelo fogo. Não levando a aproximação demasiado longe, dada a flagrante diversidade de temperamentos e estilos, deverá em todo o caso notar-se que em «De como eu fui armado cavaleiro» ocorre outra ideia cara a Fernando Pessoa, a quem de resto é dedicado o poema a finalizar o livro: a ideia de que o mistério se alarga a várias esferas do Além, e não apenas ao Além que se segue imediatamente à morte. Lembremos que este volume contém um por vezes saboroso texto sobre «O Pedreiro Cantador» que, mesmo mergulhado em alegorias mitológicas e outras, com a sua intenção de aproximar da Criação cósmica (aliás por um Deus lusíada), e da criação artística e poética, o trabalho

e a lengalenga, como que incantatória, dos alvanéis, tem, no fundo, que ver com a epopeia do labor artesanal popular de A Expedição de P. A. Cabral.

Mas, no conjunto, o leitor actual não pode deixar de sentir um grande contraste entre tanto horrible dictu imaginário e hiperbólico — e as Memórias da Grande Guerra, editadas pela «Renascença Portuguesa» em 1919, pouco depois reeditadas duas vezes e hoje imperdoavelmente esquecidas. Entre a sua descrição do primeiro bombardeamento aéreo, presenciado ainda na retaguarda, e o regresso do autor, gaseado e depauperado, a Portugal, onde o esperam cerca de três meses de prisão iníqua pelos sidonistas, este livro regista o mais impressionante testemunho português da guerra de 1914-18. O que nele mais impressiona é a limpidez sóbria de uma notação factual em si mesma patética. É a guerra das trinchas, e sobretudo dos postos de socorro sob a metralha, nos escombros daquilo que, ainda reconhecivelmente, tinham sido umas fermes da planície rural flamenga, e também dos hospitais de sangue, um deles ainda, e cumulativamente, a funcionar como hospício de doidas. Num clímax de tragédia, assistimos à descrição anatómica precisa e simples, por um médico, da miséria física de feridos, esfacelados, decepados, incluindo um boche que morre e cujos bolsos são imediatamente vasculhados e pilhados, uma carreta com restos humanos de um grupo atingido por um obus, e um desgraçado de ventre rasgado, a segurar os intestinos que extravasam e fedem, um desgraçado entre atónico e desesperado, que morre a espumar palavrões, quando se sente já dado como caso perdido. Isto na lama e na chuva, com grupos de dilacerados à espera dos cuidados de um médico e de um enfermeiro a caírem de sono e cansaço, e que ora se aproximam, ora dispersam em pânico, de acordo com o ritmo e a incidência das bombas que desabam. Por fim, o médico (J. Cortesão) já atingido pelos gases, nauseado, aos vômitos, a visão nebulosa, e subitamente cego de todo, evacuado de emergência, com a percepção meramente auditiva e táctil do que está a passar-se, e tanto é o sossego de um despertar bucólico ao amanhecer, com pássaros a cantar, como um hospital de sangue bombardeado e em que o desamparam, e, mais tarde, noutra hospital mais recuado, as levas dos mártires do 9 de Abril, entre eles um moribundo, na maca de passagem, a interpelar o narrador-testemunha («Não se lembra?»), o narrador que ainda mal divisa de novo as fisionomias alheias e que se sente ainda afundado na amnésia tóxica dos gases asfixiantes.

Estas páginas a que aludo, mas são irresumíveis, caíram no esquecimento. O horror serve-o hoje a TV ao jantar ou antes da cama, e variado, pois tanto são as crianças esqueléticas do Sabel como a antevisão apocalíptica de uma guerra termonuclear a desfazar toda A Teia de uma sociedade tranquila e sensata, encostada a não sei quantos misseis da maior potência. E todavia o terror real é sempre novo. É como qualquer dor aguda: aquela, a incomparável, a que desejaríamos ao menos substituir por qualquer outra. Mas poucos, e poucas vezes, sabem contar assim tão bem um horror vivido.

LOPES, Óscar

"No centenário de Jaime Cortesão / O horror em ida e volta" / Óscar Lopes.

In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 83, Jan. 1985, p. 5-8.